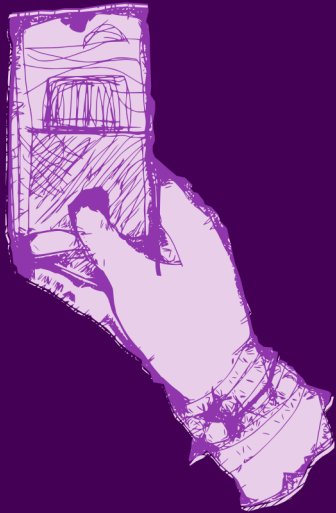


Solange Valladão
(organizadora)

IMAGENS DE UM COTIDIANO



edicoes *i*nfinitos
ndistintos

Solange Valladão
(organizadora)

IMAGENS DE UM COTIDIANO

NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS:

Adriana García Jiménez
Andrea Massaccesi
Caterine Reginensi
Juliana Mesomo
Juliane Souza Barros
Laura Helda González Nieto
Lilian Alves
Liliana Davila Jurado
Maria Alice de S. C. Rocha
Maria Carolina A. Branco
Maria da Glória
Moisés Waismann
Roberta de Oliveira Soares
Sintilla Abreu B. Cartaxo
Tomas Guzmán Sánchez

INTERVENÇÕES LITERÁRIAS:

Arturo García Hincapié
Juana Toro
Silvana Costa
Tony Lopes



Este livro é resultado do curso “Imagens de um cotidiano” promovido pelo Campus Comum – Universidade Livre, em 2022.

Página na internet: campuscomum.org

V176i Valladão, Solange (org)
Imagens de um Cotidiano [livro eletrônico]:
Narrativas Fotográficas e Intervenções Literárias /
Solange Valladão (org). – 1 ed. – Salvador / Bogotá :
Infinitos Indistintos, 2023. PDF. 168 PP

ISBN 978-65-00-64141-7 (Brasil)
ISBN 978-958-49-9465-3 (Colômbia)

1. fotografia, literatura, arte, poesia, ensaios. I.
II. Título.

CDD 779



Projeto gráfico, diagramação e desenhos: Solange Valladão

Edição: Infinitos Indistintos

Colaboraram nesta edição: Tomás Guzmán e
Juliana Mesomo

Para conhecer outras publicações da Infinitos Indistintos, acesse: <https://maquinacrisica.org/infinitos-indistintos/>

SUMÁRIO

IMERSÃO EM COTIDIANOS	7
MAPA	17
Intervenções Literárias	20
TONY LOPES	21
JUANA TORO	23
SILVANA COSTA	24
ARTURO GARCÍA HINCAPIÉ	27
Narrativas Fotográficas	31
CUIDAR DE MI	32
A TRAVÉS DEL ESPEJO	38
MORO AQUI E ALÍ...	
(J'HABITE ICI ET LÀ)	47
FRAGMENTOS DO COTIDIANO	55
NA ROTA	65
UM MISTO DE LUZES	74

CONTRASTES	82
O QUE A VISTA ALCANÇA	93
HÁBITAT	101
ENLACES	111
CAMINHO SE CONHECE ANDANDO	119
EU, A NATUREZA, O ESPAÇO	
CONSTRUÍDO E OS HORIZONTES	128
BELEZA NO COTIDIANO EM LASALLE	136
A DELICADEZA COTIDIANA	146
VERNÁCULAS INCAPTURABLES	154
<i>Playlist: Músicas do cotidiano</i>	166

IMERSÃO EM COTIDIANOS

Narrativas fotográficas

Este livro é o registro de um experimento coletivo realizado no marco do curso “Imagens de um cotidiano”, oferecido pela universidade livre Campus Comum entre os meses de agosto e novembro de 2022.

“Imagens de um cotidiano” propôs aos participantes uma imersão nas possibilidades poéticas e artísticas da fotografia realizada com o aparelho celular. Para realizar o exercício de imersão, eram válidos dispositivos de qualquer qualidade: podia ser um aparelho novo ou velho, sem importar qual era a marca deste ou a resolução disponível na câmera. Importava apenas experimentar.

O desafio foi produzir um ensaio fotográfico que expressasse fragmentos do cotidiano das pessoas que participaram do

curso. Não como um documentário. A ideia do curso foi inspirada na fotografia vernacular, um conceito que surge a partir da popularização da fotografia no final do século XIX, quando foram lançadas comercialmente as primeiras câmeras fotográficas portáteis. Elas ganharam o gosto popular por serem de menor custo e de fácil manuseio. Além disso, atrelado à venda das câmeras, surgia também os serviços de revelação dos filmes fotográficos e de impressão das fotografias, realizados por laboratórios especializados. Essas técnicas à disposição dos fotógrafos amadores simplificavam ainda mais a prática da fotografia, uma vez que eles não precisavam dominar os conhecimentos do processo de revelação e impressão, nem necessitavam possuir um espaço em casa para essa atividade.

Assim, para ter uma fotografia, bastava uma pequena câmera com filme, enqua-

drar a imagem, apertar o botão e entregar a câmera, com o filme dentro, para o laboratório. Lá, se o cliente quisesse, já receberia outra câmera, com o filme já colocado, para fazer novas fotos. Essa logística fotográfica teve como pioneiro o inventor e empresário estadunidense George Eastman, fundador da empresa Kodak.

Com tanta facilidade, a fotografia entrou para o cotidiano das pessoas e passou a possibilitar o registro das mais diversas situações: eventos, acontecimentos, objetos corriqueiros – ainda hoje comuns em registros caseiros –, eventos familiares como batizados e formaturas escolares, etc. Esses registros podiam ser, a partir de então, realizados por qualquer pessoa da família, sem a necessidade de contratar um fotógrafo profissional.

O vernacular torna-se, portanto, na fotografia, o registro único e característico do cotidiano de quem fotografa, sendo essa

pessoa um fotógrafo profissional ou não. O registro despretensioso é outra característica que marca esse tipo de fotografia, além do seu destino mais comum, que eram os álbuns de família e os porta-retratos de decoração das casas.

Não é difícil perceber o quanto a fotografia vernacular ainda está presente entre nós. Não importa com qual câmera fotografamos – como a câmera do celular – nem qual é o destino das imagens produzidas, se as redes sociais ou os aplicativos de comunicação, que hoje fazem o papel do álbum de família compartilhado em tempo real. Atualmente, a foto de um bebê recém-nascido pode ser vista por amigos e familiares quase instantaneamente em qualquer lugar do mundo.

Tais ideias sobre modos de fazer e divulgar fotografias inspiraram o curso “Imagens de um cotidiano”. Havia um roteiro preestabelecido e acordado com todos os partici-

pantes, mas este era flexível, a fim de incorporar os experimentos realizados pelos estudantes. Estes últimos puderam também exercitar os conhecimentos básicos de linguagem fotográfica apresentados durante o curso, tais como: conhecer as configurações disponíveis no seu aparelho; entender a relação entre a resolução e o tamanho da janela da imagem onde se faz o enquadramento; o uso de linhas de grade; opções de foco, temporizador e outros.

A dimensão técnica e teórica do curso teve a intenção de dar mais dinâmica às possibilidades de experimentação: por exemplo, testar novos ângulos e enquadramentos ou tentar capturar luzes mais desafiadoras em horas do dia ainda pouco exploradas; fazer autorretratos que não fossem as *selfs* habituais – onde se segura o celular com a mão –, mas sim usando outras possibilidades de suporte para alcançar outros resultados;

fotografar a rua, parando em lugares onde apenas se passa diariamente, sem quase nunca se deter por alguns minutos para explorar visualmente.

Esses, e outros desafios, tinham como objetivo afastar o olhar da acomodação que a rotina cria em nossa percepção das coisas. Ou seja, antes de se propor fotografar o cotidiano, era necessário assumir o papel de um(a) fotógrafo(a) explorador(a) do espaço que constitui esse cotidiano, varrendo-o com ferramentas que possibilitassem outro olhar, em suma, experimentando a sensibilidade artística.

Este livro apresenta o resultado dessa imersão realizada por 15 pessoas, que viviam em treze cidades e seis países diferentes e eram falantes de dois idiomas – o português e o espanhol. No mapa que consta a seguir, é possível ter uma noção da diversidade de lugares dos quais provinham os participantes e, portanto, do

desafio que foi estarmos, todos juntos e *online*, realizando o curso.

Após observar o mapa, o(a) leitor(a) poderá imaginar a riqueza deste trabalho que propôs aproximar pessoas pelo interesse comum em uma proposta de criação artística, com um desafio exigente, isto é, que cada um se doasse naquilo que lhe é tão particular: a intimidade de seu cotidiano.

Além do ensaio fotográfico, cada participante elaborou um texto introdutório que contextualiza e dialoga com as imagens e, principalmente, entre estas últimas e o (a) leitor(a) / espectador(a) das imagens.

Nas palavras de uma visitante da nossa exposição *online*: "É impressionante como as fotografias geram conexão afetiva!".

Intervenções Literárias

Aprofundando o mergulho poético, convidamos artistas latino-americanos, do Brasil e da Colômbia, para escrevem um texto inspirado no mesmo tema do curso. O resultado são intervenções literárias que transitam entre a crônica, o conto e a poesia, e que dialogam intimamente com as narrativas fotográficas, ampliando as possibilidades de observar com sensibilidade, as coisas e as experiências presentes no cotidiano.

Nas cidades, feitas de “escombros e de seus fantasmas” (Tony), o cotidiano é impregnado de objetos e coisas que repousam no tempo, como “copos, pontas de cigarro, sofás” (Juana), e que se movimentam na rotina, como a “torneira aberta, a água jorrando enquanto a xícara é ensaboadada” (Silvana). No entanto, “enxergar-nos pode ser uma ação passiva, e é. Interpretação é exaltação, a excitação de, pelo

menos, um sentido” (Arturo). Seria a descoberta desse sentido o que o ato de fotografar nos proporciona? Talvez com ele, se coloque a oportunidade de percebermos lugares e gestos inesperados e surpreendentes que podem nos levar a uma maior cumplicidade com o outro.

**

Agradeço à dedicação e à participação de cada estudante do curso que mergulhou, corajosamente, no desafio proposto; aos artistas Arturo García Hincapié, Juana Toro, Silvana Costa e Tony Lopes, que aceitaram o convite de escrever algo inédito para integrar este trabalho; às pessoas queridas do Campus Comum, pelo apoio e pela participação no projeto.

No final do livro, o(a) leitor(a) encontrará os links para *playlists* criadas pelos estudantes do curso que tem também minha contribuição. A nossa trilha sonora poderá, então, acompanhá-lo(a) nas suas próprias

experiências no cotidiano e poderemos compartilhar algo entre nós, autores e leitores.

Por fim, este livro busca transformar numa nova linguagem o conteúdo da Exposição Virtual que está disponível na página do Campus Comum na internet, no seguinte endereço:

<https://www.campuscomum.org/cotidiano>

A intenção de publicar deste livro é oferecer a(o) leitor(a) uma oportunidade para interagir com seu conteúdo num tempo lento, introspectivo e íntimo, proporcionado pela atividade de leitura e de apreciação dos ensaios fotográficos produzidos.

Desejo a todos(as) uma boa imersão.

Solange Valladão

Salvador, 2023

MAPA¹: PARTICIPANTES E ARTISTAS CONVIDADOS

LEGENDA:



Narrativas fotográficas

- Adriana García Jiménez / Estado do México, México
- Andrea Massaccesi / Buenos Aires, Argentina
- Caterine Reginensi / Rio de Janeiro (RJ), Brasil
- Juliana Mesomo / Porto Alegre (RS), Brasil
- Juliane Souza Barros / Salvador (BA), Brasil
- Laura Helda González Nieto / Cidade de México, México
- Lilian Alves / Salvador (BA), Brasil
- Liliana Davila Jurado / Lima, Peru
- Maria Alice de S. C. Rocha / Goiânia (GO), Brasil
- Maria Carolina A. Branco / Guaxupé (MG), Brasil
- Maria da Glória / Pelotas (RS), Brasil

1 O mapa interativo e detalhado pode ser acessado pelo site da exposição no endereço:
<https://www.campuscomum.org/cotidiano>

- Moisés Waismann / Porto Alegre (RS), Brasil
- Roberta de Oliveira Soares / Montreal, Canadá
- Sintilla Abreu B. Cartaxo / Campos dos Goytacazes (RJ), Brasil
- Tomas Guzmán Sánchez / Bogotá, Colômbia



Intervenções artísticas:

- Arturo García Hincapié / Medellín, Colômbia
- Juana Toro / Medellín, Colômbia
- Silvana Costa / Salvador (BA), Brasil
- Tony Lopes / Salvador (BA), Brasil



Estados Unidos

México

Guatemala

Nicarágua

Cuba

Porto Rico

Colômbia

Venezuela

Guiana

Suriname

Equador

Peru

Bolívia

Chile

Argentina

Paraguai

Brasil

Paraguai

Oceano Atlântico Norte

Golfo do México

Mar das Caraíbas

INTERVENÇÕES
LITERÁRIAS



TONY LOPES

Acordo com o brilho do sol só para mim.
Parece que ele ilumina o que não deve.
Parcial, imprevisível e sonso ele sorri para
o mar que banha os meus pés descalços
numa dessas manhãs que poderiam ser
diferentes enquanto se recusa a iluminar
outros sítios longe de tudo.

Todos sabem que não gosto do sol, e que o
mar não passa de uma possibilidade de ir.

Pacífico, meu olho bom procura suntuosas
naus para redescobrir novos caminhos. O
mau, se abstém de ver o que nem sempre
é óbvio mas está ali como o atlântico que
me vigia sem dó.

Antes de seguir o caminho obrigatório
desvio por centímetros do que está ali, no

caminho, antes do farol e logo após o castelo abandonado.

Uma cidade é feita de escombros e seus fantasmas. Restos de pedras que se recusam a ir. Adormecidas pelo tempo e esquecidas pelos que deveriam se importar.

A minha alma não carece do sal do mar. Ele se formou com as intempéries do tempo. Mas permanece doce naquilo em que é possível ser doce. Como o mar, para uns e outros.

Atravesso o último trecho do calvário diário com a fome dos que não tem o que comer e a sede dos que ainda acreditam no oásis que nunca chega. Mesmo depois da tempestade.

Um dia, todos nós estaremos rindo como fazíamos antes numa mesa de bar. E não será apenas uma tarde qualquer. Nem um brinde em vão. Faremos valer a pena cada instante.

JUANA TORO

Vasos, colillas
sofás rotos, sucios
gatos

Drenajes corren
se vierten en charcos
gasolinados

El sol sobre su
pómulo craquelado
pegaduro

SILVANA COSTA

Torneira aberta, água jorrando enquanto a xícara é ensaboada, sinto o aperto do short incomodar a coxa. Sensação de que este corpo não é meu, ou a roupa que antes cabia certinho resolveu me sacanear e encolher... não estou fazendo nada de diferente, o que mudou?

Antes que uma possível explicação surgisse, lembro que o almoço não se prepara sozinho; o caos doméstico é como o símbolo do infinito, é impossível saber onde começa ou termina.

A manhã segue ensolarada, perfeita para praia e cervejinha, mas o mais próximo que chego do calor é quando acendo a boca do

fogão. Ainda há muito por fazer e o relógio não espera.

A gatinha corre pela casa, dando a largada para o circuito das dez: ligada no 220W, a jovem felina parece brincar com os seres do além e essa interação alegria o meu dia.

O tempo voa e o costume de ver o jornal do meio-dia não me larga. As notícias não são boas, a tensão que vivemos parece palpável. O que acontece no país tira o sono e deixa na boca o gosto amargo da impunidade.

A notícia do dia está sendo chamada de cortina de fumaça por alguns - um condenado que cumpre sentença com pulseira eletrônica em casa, um privilégio para poucos, ofende uma ministra do supremo e a tentativa de levá-lo em custódia encontra resistência, com espaço para reação com uso de arma de fogo - mas, para mim, soa como gatilho para civis que se armaram com a benção de um mandatário

perverso irem às ruas cometer injustiças com as próprias mãos, sob o pretexto de defender valores morais e combater um comunismo idealizado.

O almoço está pronto, mas acho que perdi a fome.

ARTURO GARCÍA HINCAPIÉ

Es el último refugio, no como el final, sino el más escondido. Está en lo más adentro, lejos de la superficie, en lo profundo. Es un monstruo, el más grande, el más extenso y el más presente. Está en todas partes, con todas sus partes, presente. Ahí. Oculto, nunca aislado. Hay más escondites, es cierto, está el primero, el segundo y así hasta llegar al último. Todos esconden, siempre esconden. Son estructuras para proteger un mensaje, un solo mensaje se guarda en todas ellas. Su protección es escapar. Escapa del instante porque le debe a este y su deuda es por imitar. Un monstruo imitador, no, no lo es. Es solo un monstruo, la prueba de que existen. La verdad.

Y hay titanes, los hubo, hablo del amor, del odio, de la amistad; hablo de los que antes fueron dioses, los que murieron de olvido. Bueno, pues hay un rastro de ellos. Existen y están entre nosotros. De alguna forma deambulan por los alrededores, pero sí están entre nosotros, tenemos que considerar un interior, nosotros como un espacio que, un lugar que, un instante que. Nuestro interior, en donde pende la subjetividad más extensa de todas, sino la más extenuante. Imita el cuerpo, se basa en su forma, toma prestada la apariencia, declara que existe.

La existencia y sus analogías. La alegría y la perdición, un bizcocho de novia y el ataúd, el primer automóvil de una señora, los últimos días de alguien. La felicidad es pasajera; los velorios son un tipo de fiesta; un lejano presente nos conserva a todos en la adolescencia. Todo oculto pero a la vez manifiesto, a merced de las connotacio-

nes. Oculto por las tendencias, se mueve lento, distinto a como hoy se desplazan las ideas. El significado de una foto llega, llega tarde. Es el último refugio, el que está al final, el final de la imagen es significar.

Qué significa este rayo de luz que ilumina las voces que nos acompañan. Confabulan dos naturalezas, lo que es y lo que parece ser. Qué significado le damos. Nos vemos. La distancia está en que nos interpretamos. Vernos puede ser una acción pasiva, lo es. La interpretación es la exaltación, la excitación de al menos un sentido. La interpretación hace que la acción sea nuestra actividad. Y muchas veces, una fotografía es el respaldo de un recuerdo, ocurre siempre que lo que recordamos es una ensoñación; a los vestigios cada que los vemos nos recuerdan distintas formas de llegar.

NARRATIVAS
FOTOGRAFÍCAS



CUIDAR DE MI

Adriana García Jiménez
Psicóloga.
Estado de México, Mexico.

Cuidar de mí es preservar mi mente, mi cuerpo y mi espíritu.

Cuidar de mí es prestar atención a lo que pienso y siento.

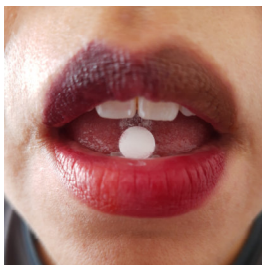
Cuidar de mí es observar los errores sin juicio.

Cuidar de mí es ir adentro antes de volver afuera.

Cuidar de mí es reconocer las flores y las sombras así como los retoños y la hojarasca de mi jardín interno.

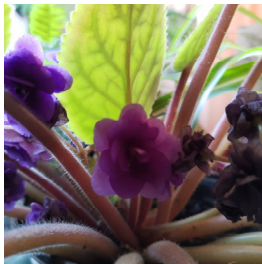
Cuidar de mí es tomar la distancia y el tiempo que requiera.

Cuidar de mí es todos los días.











ATRAVÉS DEL ESPEJO

Andrea Massaccesi

Médica de familia.

Ciudad de Buenos Aires, Argentina.

Cuando era niña, solía poner un espejo pequeño justo debajo de mi nariz, paralelo al piso apuntando al techo, y, con la vista en el reflejo, caminar por mi casa... La magia obtenida era pasear por el cielorraso -siempre menos poblado que el suelo del departamento-. Esquivar las vigas, sortear los artefactos de luz, saltar las grietas... Mi madre había puesto papel de flores en el techo de la cocina y yo jugaba, entonces, en la pradera.

El espejo, el ojo, la luz y lo reflejado conspiraban para crear, con este mundo tangible, un universo diferente, una ilusión de otro cotidiano.

Hoy día, en este devenir de mujer adulta y atareada, mirar a través de la cámara del celular, me devuelve el aroma de ese fenómeno ilusorio. Observar el mundo enmarcado por la cámara es un poco como saltar a través del espejo de Alicia.

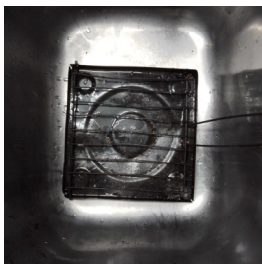
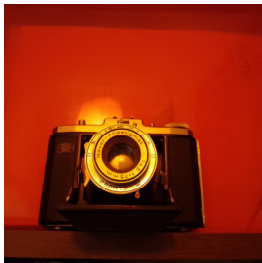
La luz que emana de las cosas logra fundirlas en el plano de la pantalla: pequeño trabajo de orfebre que pega las luces del techo contra las baldosas brillantes y les adjunta un follaje inverosímil pero vecino. Me encanta esa amalgama. Dos o tres objetos que están distantes, fraternizan de golpe en la imagen con solo mutar el ángulo desde donde se les mira. Y basta moverse unos centímetros en otro plano para que vuelva a aparecer la tercera dimensión con toda su maravillosa profundidad.

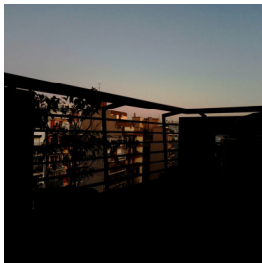
Los reflejos de mi misma son devueltos desde objetos inusitados. Nunca voy atenta a encontrarme: siempre me

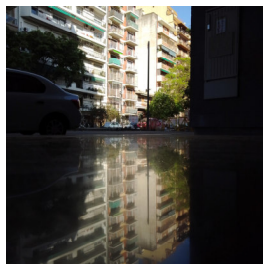
sorprende la aparición casual de mi silueta en un charco o una baldosa bien pulida.

Con el ojo desnudo no hay nada que mirar, hasta que inclino la cámara y aparece un reflejo: aquí a mis pies, el muy remoto cielo. La luz y la sombra, el ángulo y los objetos, escriben un cuento breve, a veces solo un verso de una poesía que desconozco. Imagino mundos en las profundidades oscuras de una mata de hojas, y una colonia de seres diminutos viviendo en un respiradero. Miro desde las alturas como una jirafa para descubrir que la geometría me depara placeres inesperados.

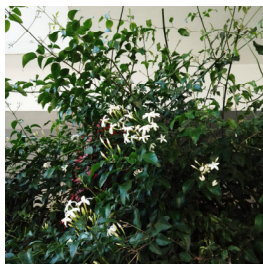
Hacer ese recorte a través de la pantalla me permite darle profundidad al desorden de imágenes que se agolpan cada día delante de mis ojos. La vida cotidiana adquiere así un ritmo, y, con ello, un sentido. Ya no estoy sola de este lado del espejo.

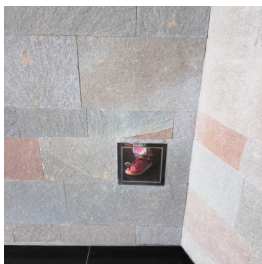












MORO AQUI E ALÍ... (J'HABITE ICI ET LÀ....)

Caterine Reginensi

Professora pesquisadora (Anthropologue, Professeure/ Chercheure).

Rio de Janeiro (RJ), Brasil

MORO AQUI E ALÍ....

Sou francesa, moro no Brasil há 8 anos como residente permanente, mas há 20 anos que vivo um cotidiano nômade entre duas línguas, duas culturas. Concursei-me e sou professora numa universidade pública em Campos dos Goytacazes no norte do Estado do RJ.

E eu amava minha vida. Era antes da pandemia de COVID 19, período durante o qual fiz várias viagens de ida e volta para França/Brasil e em 2021 me estabeleci no Rio. Como narrar em imagens este cotidi-

ano incerto e conturbado? As imagens são tantas palavras.

J'HABITE ICI ET LÀ

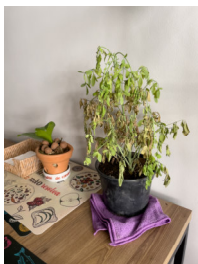
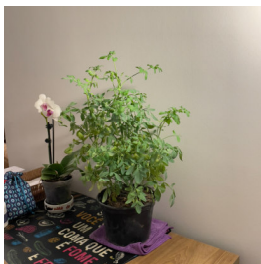
Je suis française je vis au Brésil depuis 8 ans comme résidente permanente mais en fait, cela fait 20 ans je vis dans un quotidien nomade entre deux langues, deux cultures. J'ai passé un concours dans une université publique à Campos dos Goytacazes dans le nord de l'État de Rio de Janeiro. J'aimais ma vie c'était avant la pandémie de Covid 19, période pendant laquelle j'ai fait plusieurs aller /retour France /Brésil et en 2021 je me suis installée à Rio. Comment raconter en images ce quotidien incertain et perturbé ? Les images sont autant de mots.



A planta chegou

Arruda

A planta morrendo





Guarita e motos
de manhã
de tarde
a noite





Prédio da amiga

Meu prédio

Feira a vista





Campos dos
Goytacazes

Cores

Janelas CCH/Uenf
viva





Paulo Freire

Ciao Ipê

De ônibus





Esquina em
Copacabana

Sombra na areia

Indo pra praia



FRAGMENTOS DO COTIDIANO

Maria da Glória Oliveira do Nascimento
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Ao despertar, meu olhar rapidamente é direcionado para a janela do quarto, neste momento os feixes de luz vindos do abajur encontram-se com a claridade natural que atravessa as frestas da persiana anunciando a chegada de mais um ciclo do meu cotidiano. Na vidraça, um recorte do cenário incita a continuidade de planos e oferta um momento de reflexão quanto a minha performance como ser coletivo. Neste instante também aciono minha fé direcionando meus pensamentos à ancestralidade que me protege e auxilia no meu caminhar. Estou enfim preparada para mais um dia.

Moro na cidade de Pelotas-RS no bairro Porto um lugar lindamente arborizado. No

verão a sombra das árvores acolhem os moradores nos dias de intenso calor e muitas delas oferecem frutos variados, um festival de sabores dispostos na calçada. Já na esquina da minha residência um loureiro insiste em sobressair aos muros deixando suas folhas ao alcance das mãos de quem passa. A paisagem das ruas são transformadas pelos habitantes da localidade que também possuem como hábito o cultivo de flores, tornando o ambiente agradável e muito bonito. A multiplicidade de aromas e cores atribuem ao bairro um ar nostálgico que desperta memórias e encantam o olhar.

Da minha casa é possível ver no fim da rua uma pequena parte do porto da cidade e o mais inusitado é que nesta via a circulação de pessoas e tráfego veicular é baixo porém, como na maioria das zonas urbanas a violência se faz presente. Assim, compondo o visual da maioria das casas

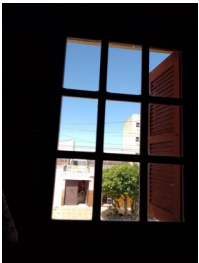
podemos ver as cercas elétricas, as grades e os trincos reforçando as portas. Quando anoitece as ruas ficam desertas.

Com os antigos moradores aprendi a zelar pela minha segurança e incorporar no meu cotidiano fazeres que estavam guardados em forma de lembranças. Atividades como plantar, realizar caminhadas e apreciar o contato com a natureza assumiram novamente o seu espaço em minha vida.

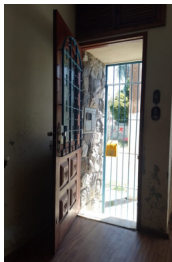
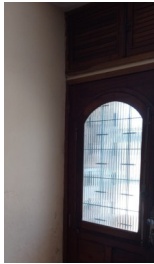
É interessante me ver integrada ao bairro e acompanhar também as suas reconfigurações. No lugar dos imóveis residenciais com um pavimento estão surgindo edificações mais elevadas. Prédios que alojaram grandes fábricas foram categorizados como patrimônio cultural e hoje acolhem cursos da Universidade Federal de Pelotas.

As imagens que observo no cotidiano e as minhas vivências são as fontes que impulsionam o meu desenvolvimento pessoal e este processo se retroalimenta diaria-

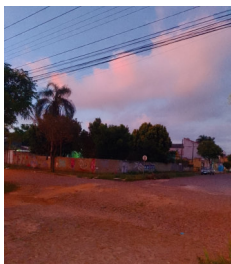
mente através dos laços afetivos que mantenho com a vizinhança. Em cada escuta vejo a oportunidade de reorganizar conceitos e dar maleabilidade ao meu pensamento. Ao circular pelo meu bairro sou surpreendida com frequência por novos acontecimentos e para desnudar a dinâmica local é preciso ter sensibilidade.

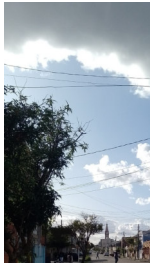












NA ROTA

Juliana Mesomo

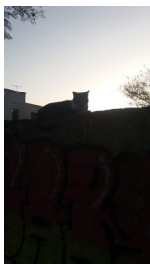
Antropóloga.

Porto Alegre (RS), Brasil.

Na gíria dos recenseadores do IBGE, "estar na rota" significa estar no caminho delimitado para fazer as entrevistas do Censo. Em meio à "rota" ou à caminho dela, encontramos inúmeros elementos que conformam a cidade e o cotidiano daqueles que vivem nela. Talvez o cotidiano do recenseador, durante alguns meses, se configure como o ingresso parcial no cotidiano dos moradores que estão na sua "rota". Selecionei alguns destes elementos com os quais me deparei nas minhas "rotas" do Censo: janelas, animaizinhos, árvores e plantas, negócios e comércios, casas abandonadas, recados deixados nas paredes, restos deixados no chão, home-

nagens aos moradores registrados nos nomes dos logradouros. Tudo aquilo que circunda um cotidiano alheio, mas que foi durante os dias do Censo, também o meu cotidiano.















UM MISTO DE LUZES

Juliane Souza Barros

Estudante de Arquitetura e Urbanismo.

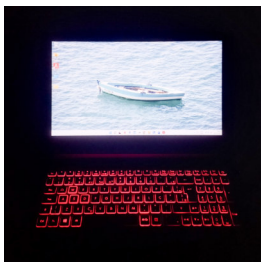
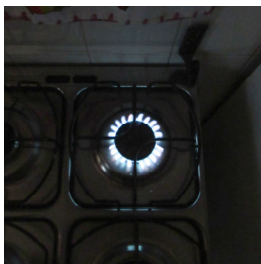
Salvador, Bahia, Brasil.

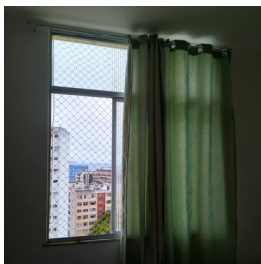
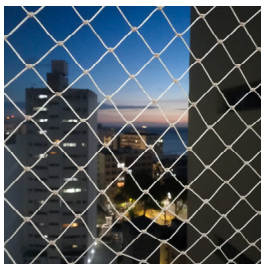
Com a pandemia, em muitos lares se instalou o hábito de ficar em casa. Muita gente agora produz trabalhos, conversas e estudos mesmo sem sair de casa. Ainda assim, ninguém vive completamente sem o contato físico com a rua, a cidade e seus habitantes e nesse conjunto de imagens é exposto o olhar de uma dessas pessoas, que mesmo ficando a maior parte do dia no seu espaço limitado por paredes sempre que pode tenta atravessá-lo, ainda que só através do olhar.

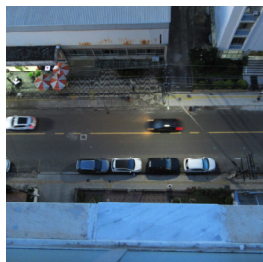
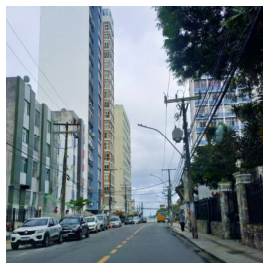
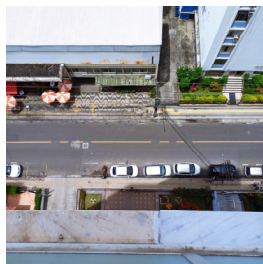
Desse modo, nas imagens está exposta uma rotina marcada por horas à frente do computador, pelas características da vida em um apartamento antigo bem locali-

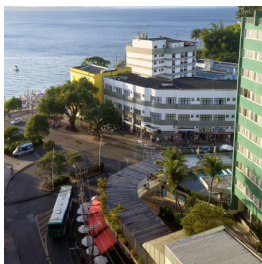
zado na cidade de Salvador, pela atratividade que o mar provoca para ele e pela presença frequente de automóveis tomando a avenida, um lugar onde muitos passam, mas poucos ficam. As imagens foram produzidas através de celular e em sua maioria de dentro do apartamento, já que a cidade de Salvador possui problemas de segurança pública e que torna a fotografia de rua um risco à segurança.

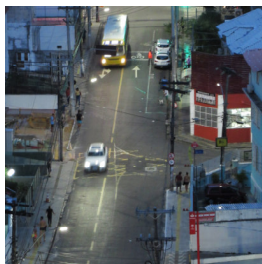
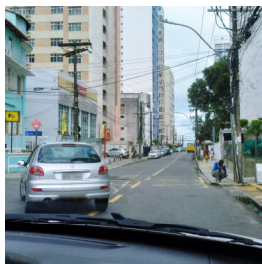
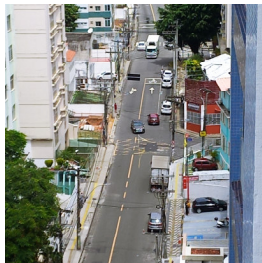
A experiência de fotografar de celular impôs limites como a distância de captura da imagem com qualidade e a captação de cores muitas vezes distorcidas, mas foi satisfatória no sentido de viabilizar a produção de registros que contam um pouco da minha história, da forma que foi possível. Fazendo uso de ferramentas de edição que me permitiram destacar o que era importante em cada imagem foi obtido um resultado que fala através do que consegui captar no meu cotidiano.

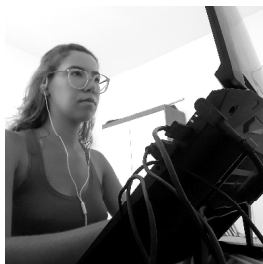












CONTRASTES

Laura Helda González Nieto
Comunicóloga, músico e fotógrafa.
Ciudad de México, México.

Le pido permiso al día
para empezar la jornada,
quiera Dios que mi versada
tenga valor y poesía.

Fragmento del son jarocho mexicano "El
Siquisirí"

La Ciudad de México es un mosaico de
contrastes, donde quiera que se mire hay
historias que ver y contar, en esta ocasión,
presentaré un vistazo a mi cotidianidad.

En mi vecindario, la mayor parte del
tiempo reina la tranquilidad, vivo en el
norte de la ciudad, en una zona industrial
que poco a poco ha ido transformándose
con el tiempo.

El ritmo ajetreado de la urbe, hace de mi casa el refugio al que corro a resguardarme, donde habitan mis preciadas jaranas, que toco casi diario cuando el cansancio o las demás ocupaciones me lo permiten; el armonioso sonido de sus cuerdas me transporta a lugares de ensueño. La música es una parte importante en mi vida, gracias a ella he conocido a personas maravillosas, escritores, artesanos, grandes amigos que han dejado huellas y recuerdos en mi corazón y en mis paredes.

Mi calle es algo transitada, quizá sea porque está entre dos avenidas grandes, casi siempre se ve pasar de todo, camiones repartidores de gas, recolectores de basura, gente... Tengo la fortuna (o la mala suerte) de tener mi habitación justo con vista hacia la calle; desde las alturas, puedo ver el exterior, disfrutar la hermosa luz que se filtra por las tardes, entreteñirme un rato viendo sin que se den

cuenta a los pajaritos que cantan y revolotean en el árbol junto a mi casa o por las noches de fin de semana, refunfuñar un poco por algunos vecinos ruidosos que interrumpen mi sueño y el de mis mascotas.

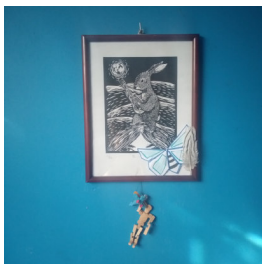
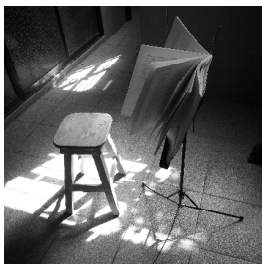
Así transcurren los días en mi barrio.

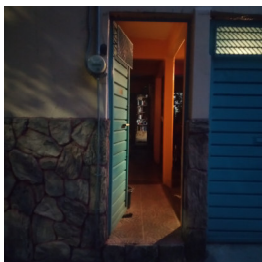
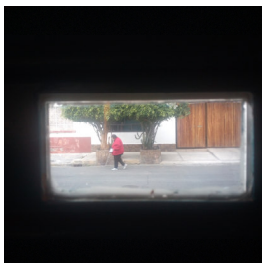
Hace algún tiempo que vivimos aquí, cerca de once años, puedo decir que prefiero este vecindario al anterior donde vivíamos, aquí, las calles son amplias, hay muchos árboles, transporte y negocios variados, mi hogar es agradable, nada parece faltar. Sin embargo, como la vida misma, nada es perfecto. Es curioso apreciar cómo unas cuantas casas o metros rompen esta aparente perfección, del lado izquierdo, prevalece la parte más activa de mi calle, donde el transporte público y los negocios aledaños le dan un aire más dinámico. Por otra parte, el lado derecho parece desvanecerse entre lo gris del asfalto, hay un

pequeño taller mecánico donde se ven estacionados temporalmente algunos automóviles en espera de ser reparados; los tenis colgados en los cables indican que en ese sitio se vende droga por menudeo y por las noches, este lado de la calle luce desierto. Esto también es parte de lo que veo desde mi ventana casi todos los días, ojalá no fuese así, este fenómeno se ha ido incrementando de una manera preocupante con el tiempo. Espero que las cosas cambien para bien.

Con estos contrastes, se va mimetizando mi vida, mi cotidianidad con la de muchas otras personas de mi ciudad, de mi país. Me gusta imaginar otras realidades confluyendo con la mía al mismo tiempo, en distintas partes del mundo. Será grato conocernos a través de nuestras imágenes, de nuestros textos. Quizá experimentemos sensaciones semejantes que nos hermanen, quizá veamos en nuestras fotos algún

detalle que nos teletransporte hasta el lugar donde fueron capturados estos instantes, tan distintos y similares a la vez.













O QUE A VISTA ALCANÇA

Lilian Alves

Assistente Administrativo.

Salvador, Bahia, Brasil.

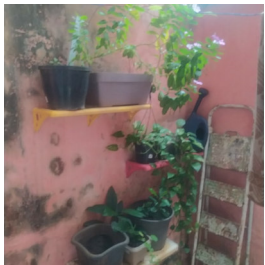
Imagens do que os meus olhos conseguem alcançar e, por razões que não saberia explicar, destacar a ponto de fotografar, na rotina residencial absolutamente comum e ordinária de uma habitante da periferia de uma das capitais da região Nordeste do Brasil. Uma rua estreita, com casas geminadas, algumas térreas, algumas com andares, outras por rebocar, e, às vezes, algum acesso ao céu em eventuais quintais que, não raramente, viram puxadinhos para algum membro da família alcançar o sonho da casa própria em construções geralmente realizadas por um sistema coletivo de auxílio mútuo entre a vizinhança, que chamamos de adjutório. As

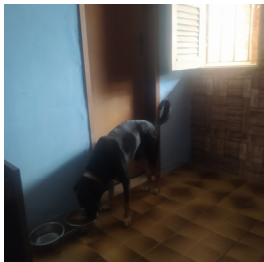
onipresentes máscaras de proteção respiratória, espalhadas pela casa, as quais uso principalmente no transporte público coletivo e em ambientes sem ventilação – porque a Covid-19 permanece entre nós. Há ainda a minha mão esquerda e as tatuagens que estão perto dela e, por fim, há a corriqueira presença de plantas, poucas delas eu sei o nome, mas invariavelmente chegaram aqui através de mudas ofertadas por vizinhos, parentes e amigos; e a presença de animais, no geral, sem raça definida, seja para nos alegrar, e, de vez em quando, nos irritar ou nos ignorar.













HÁBITAT

Liliana Davila Jurado

Antropóloga, Poeta y Gestora Cultural

Callao, Lima, Perú

Descripción:

Hábitat en el marco de la fotografía vernácula; desea exhibir entornos relacionados al desarrollo de la vida cotidiana del ser humano, un instante fotografiable por el lugar donde uno transita diariamente, entre los espacios familiares, cotidianos y públicos. Se puede encontrar desde la contemplación, que cada objeto, lugar y momento alberga una forma de vida, relacionada al tiempo, afecto y al recuerdo; conectando lo interno y lo externo.

HÁBITAT EN VERSO

Acá estoy, hecha un solo ojo mitad
humano mitad la lente inteligente
recogiendo la fé de mi barrio entre las
cercas de hierro labrado,
banderolas colgadas del árbol añejo
baños de rezos, bombardas y olvidos.

A la derecha de la cuadra se esconde el
silencio
entre los arbustos la luz del poste fenece
cada mañana,
las miradas penden de las ventanas
empolvadas
contando los cables de deseos
adormecidos.

En mi casa el recuerdo se ha hecho materia
ahí yace...

mirándome cada día
adornando mis momentos, jalando mis
pensamientos.

El ventanal es nido para las aves
vanguardistas
esas que tienen alas para no volar
añorando los cielos profundos,
son aves con plumas de fibra y deseos
humanos.

Coloqué entre la madera y el metal a mi
dracaena luchona,
inversamente suave
dilatándose bajo el rayo de sol de la tarde y
por las noches da indicios de cuarto
creciente.

Lo materno no se esconde, el amor de piel
a piel,

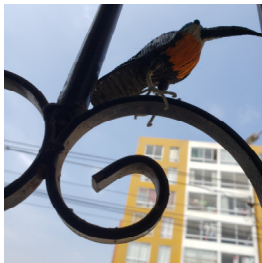
acá estamos bajo un mismo lente de
smartphone

escudriñando lo interno, queriéndonos en
nuestro lenguaje vernáculo.

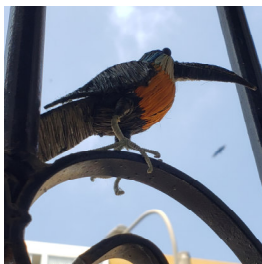
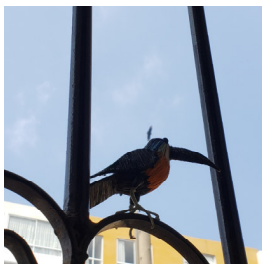


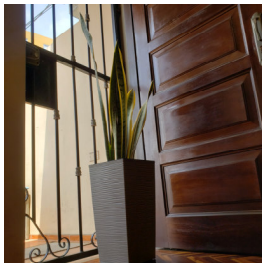
Acá estoy, hecha un solo ojo mitad humano mitad la lente inteligente recogiendo la fé de mi barrio entre las cercas de hierro labrado, banderolas colgadas del árbol añejo baños de rezos, bombardas y olvidos.



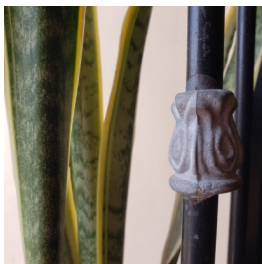
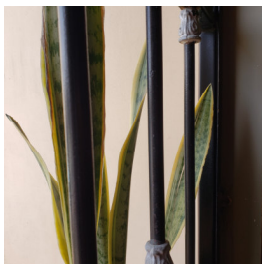


A la derecha de la
cuadra se esconde
el silencio entre los
arbustos la luz del
poste fenece cada
mañana, las
miradas penden de
las ventanas
empolvadas
contando los cables
de deseos
adormecidos.



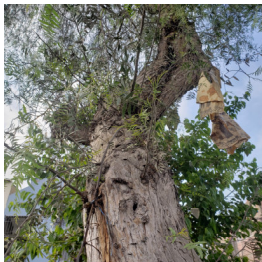


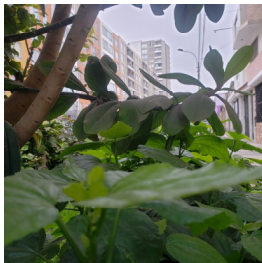
En mi casa el
recuerdo se ha hecho
materia
ahí yace...
mirándome cada día
adornando mis
momentos, jalando
mis pensamientos.





El ventanal es nido
para las aves
vanguardistas
esas que tienen alas
para no volar
añorando los cielos
profundos, son aves
con plumas de fibra y
deseos humanos.





Coloqué entre la
madera y el metal a
mi dracaena luchona,
inversamente suave
dilatándose bajo el
rayo de sol de la
tarde y por las
noches da indicios de
cuarto creciente





Lo materno no se
esconde, el amor de
piel a piel,
acá estamos bajo
un mismo lente de
smartphone
escudriñando lo
interno,
queriéndonos en
nuestro lenguaje
vernáculo.



ENLACES

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

Professora.

Goiânia, Goiás, Brasil.

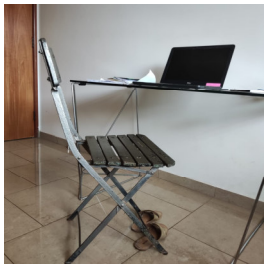
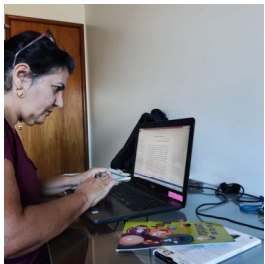
Tenho morado provisoriamente na casa dos meus pais, não mais presentes por aqui. A cada vez que chego, olhar para dentro e fora dela me deixa muito emocionada. É uma mistura de sentimentos de alegria, de saudade e muita gratidão. Sentar numa cadeira para trabalhar, procurar uma receita para fazer o tradicional doce de época e encontrar um chapéu ainda com as marcas de quem não saia sem ele é um privilégio que agora tento partilhar com as imagens feitas.

De certa maneira tento representar com elas e a partir delas, uma narrativa de um cotidiano, o meu, particular, sem dúvida, mas que toca no que constitui uma vida.

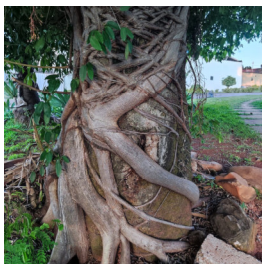
Afinal, de um modo ou de outro a vida é feita de entrelaçamentos e reconhecer a existência deles é fundamental para seguir adiante. Tentar enquadrar um objeto, um lugar, uma vista para dar visibilidade a um pertencimento e a vontade de continuar algumas tradições da vida e criar outras foi um catalisador para o exercício fotográfico.

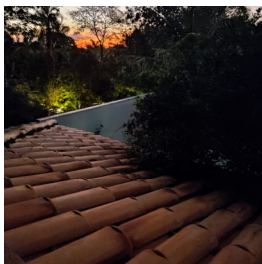
Optei por não fazer intervenções artísticas nas imagens. queria com essa decisão, deixar que o celular captasse, conforme sua própria tecnologia, as cores próximas do que percebia na realidade. Tenho miopia, astigmatismo e ainda um caminho a percorrer no mundo da fotografia, mas estou pensando em pegar uma bicicleta...











CAMINHO SE CONHECE ANDANDO

Maria Carolina Arruda Branco

Mestranda em Antropologia Sociocultural –
UFGD/MS.

Guaxupé, Minas Gerais, Brasil.

Como nos lembra Chico César, "Caminho se conhece andando, então vez em quando, é bom se perder. Perdido fica perguntando, vai só procurando e acha sem saber". Em meu andar-perder-saber pelas vias sul mineiras, cheguei ao Caminho das Abelhas, significado do nome Guaxupé, cidade a qual este ensaio captura momentos. Assim como a importância das abelhas em seu papel de polinizar, dando amplitude às possibilidades de existir para além de si, é no caminhar diário que teço minhas existências e possibilidades de encontrar com aquilo que sou. Ao longo do meu caminhar por Guaxupé, se fez

presente as multiplicidades dos pensares, estes locais registrados como parte do meu cotidiano, a dois meses atrás eram completamente desconhecidos, não familiares e até inexistentes; ao acessá-los, na construção de ser e estar, me perdi e me encontrei.

Hoje sei que ainda familiarizando os trajetos e objetos, todos os dias é possível a experiência do novo, de novos encontros, de observar no rotineiro a comunicação com aquilo que está fora e por vezes perto-longe.

As imagens capturadas por mim ocorreram no trânsito diário de ir ao trabalho e retornar à casa, de caminhar para me alimentar e observar as nuances do encontro entre a fauna, a flora e os sujeitos humanos e mais que humanos.

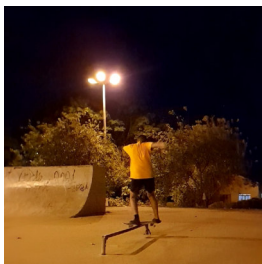
Este exercício de observação e registro do meu cotidiano pretende provocar aquele que com ele entrar em contato, a refletir

sobre os encontros e as agências presentes nos nossos caminhar, a intencionalidade dos encontros e das trocas possíveis de ocorrerem. Lhes convido ao sobrevoo no Caminho das Abelhas.

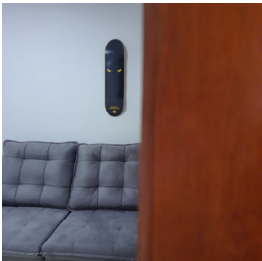
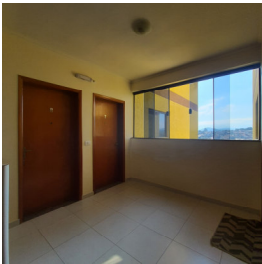












EU, A NATUREZA, O ESPAÇO CONSTRUÍDO E OS HORIZONTES

Moisés Waismann

Professor do Ensino Superior.

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

O ensaio Eu, a Natureza, o Espaço Construído e os Horizontes tem por objetivo apresentar o meu cotidiano nos últimos quatro meses, quando estou me recuperando de uma internação de longa duração por conta da Covid-19. Na primeira parte os três objetos de sua casa vistos de ângulos e luzes diferentes apresenta imagens da natureza procurando mostrar os ciclos, que tudo passa, que tudo vive novamente. Na sequência é a vista pela janela de 3 ângulos/ horas diferentes do dia, evidencia o horizonte e a natureza juntos, a terceira parte a vista pela entrada da sua casa, ou prédio, evidencia a

conquista, os caminhos percorridos para ir para o mundo. Após a rua! Numa primeira vista a esquina esquerda e após a esquina direita. E então Eu e a escada, uma conquista vencer ela.



O verde e rosa
do Bougainville

A parreira e
seus cachos

Pitanga, temos!

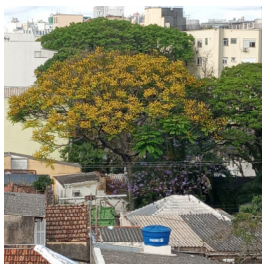


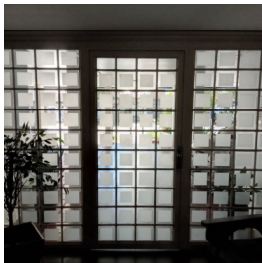


O infinito

O amarelo e o roxo

Os caminhos para o
parque





Caminhos

Vista da rua

Quase lá





Conversa na esquina

Fachada urbana

A esquina e os fios





Cruzamento de fios

Arte urbana

A torre e a árvore

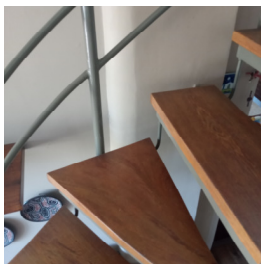
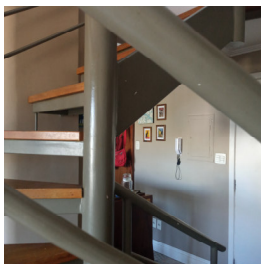




Desafio

Um passo de cada...

Quase lá



BELEZA NO COTIDIANO EM LASALLE

Roberta de Oliveira Soares

Estudante de doutorado em ciências da educação.
Montreal, Canadá.

As fotos foram tiradas em sábados de manhã em outubro de 2022 em LaSalle, Montreal, Canadá. Sou brasileira (de São Paulo), mas sou imigrante no Canadá desde dezembro de 2016. Minha primeira e até então única morada desde minha chegada no Canadá tem sido em um apartamento na Boulevard Angrignon. As fotos foram tiradas no caminho de casa até o parque Angrignon.

Desde o início da pandemia, meio que por falta de opções, acabei conhecendo a fundo o parque próximo de onde moro, parque Angrignon, que fica há 1 km de onde moro. Para minha sorte, trata-se de

um dos maiores e mais bonitos parques da cidade. O parque com sua flora, fauna e pessoas tornou-se meu principal objeto de fotografias. Também se tornou um espaço para me exercitar, mas sobretudo para fugir da cidade dentro da cidade. Desde a pandemia, tenho trabalhado sobretudo em casa em frente ao computador e *online*. Procuro mostrar em minha narrativa, meu caminho do computador, à janela, ao parque.

Da vista da janela, poluição visual há meses, ainda que colorida, então sigo meu caminho até o parque. Lá, há uma pequena trilha, minha preferida, sempre pronta para oferecer sombra e sons naturais. Vejo-me também nas sombras e nos reflexos da natureza. A paisagem muda drasticamente durante o ano devido à mudança das estações.

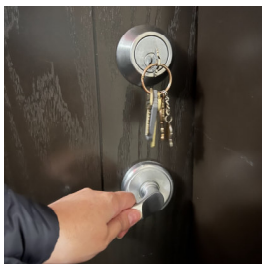
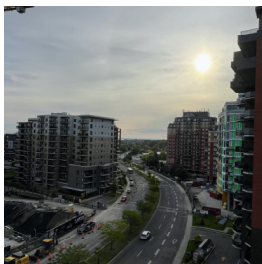
Enquanto caminho e tiro fotos, reflito. O que é um cotidiano? É o que pode ser, o

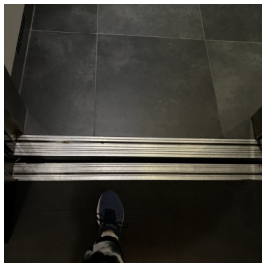
que precisa ser. Vemos beleza onde dá, com uma pitada de blasé. Faz parte, para sobreviver em sociedade. Olhos humanos são lentes poderosas, mas com a câmera vemos além e aquém. Pode melhorar um pouco no pós-produção, mas não muito. Não pode ficar artificial. Se ficar, que mensagem passamos?

Narrativa fotográfica? Qual o objetivo de minhas fotos? Precisa ter objetivo? De qualquer forma, sempre digo algo. Inovador? Interessante? Entediante? Tirar fotos é sobretudo uma forma de se expressar. Só sei que preciso disso para sobreviver e trazer beleza para a vida. E, com um pouco de sorte, compartilhar beleza. Como imigrante, é impossível não notar, ignorar. Pessoas queridas do Brasil nem sempre acompanham as diversas linguagens: francês, inglês, acadêmiquês. Sem contar as diferenças culturais. Mas a gente quer trocar. Fotografias possuem a própria

linguagem e sou grata por isso. Através das fotos, compartilho meu cotidiano. Na verdade, é uma desculpa para se conectar. E uma forma de me conectar à distância. Fotos enviadas por WhatsApp e postadas no Instagram. Compartilho meu mundo e vice-versa. Obrigada por cotidianar comigo em imagens.













A DELICADEZA COTIDIANA

Sintilla Abreu Bastos Cartaxo

Assistente Social.

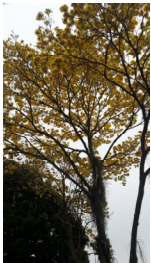
Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

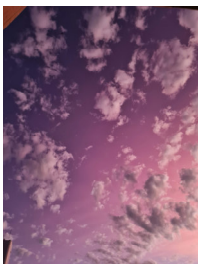
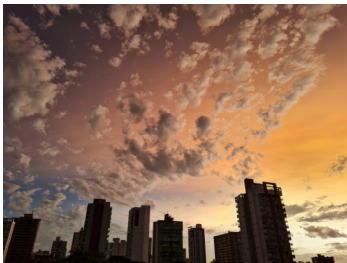
O processo criativo para este ensaio fotográfico surgiu a partir da reflexão da janela de casa, no dia que as nuvens cinza no céu pesavam sobre os prédios, assim como muitas vezes a rotina pesa em nossos dias. O trabalho, as idas e vindas, as expectativas não correspondidas revelam o quão duro e ríspido pode ser viver em meio a tantas pressões.

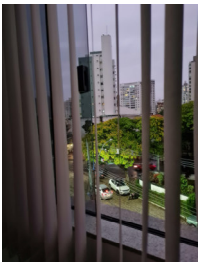
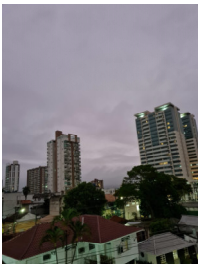
Entretanto a presença de um ipê de flores amarelas que ano após ano resiste na ponta da calçada em meio ao concreto e asfalto. Convidou-me pensar que as delicadezas do cotidiano são presentes divinos a nossa alma. É possível viver e ter esperança, acreditar na renovação e que

sempre virá dias melhores. Viver exige um trabalho de conexão não só com a nossa alma, mas com o mundo e tudo mais que está nosso redor.

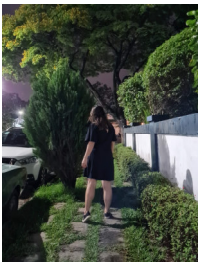
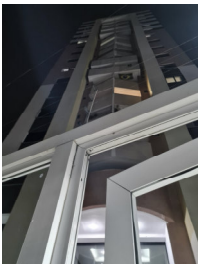
Nos pequenos momentos do dia há a possibilidade de estabelecer uma troca de energia, de expressões, de sentimentos e sensações com os objetos, com a cidade, com a natureza e com as pessoas ao nosso redor. Através desta troca conseguimos compreender o valor viver, o valor do outro e principalmente o que realmente é importante em nossas vidas.

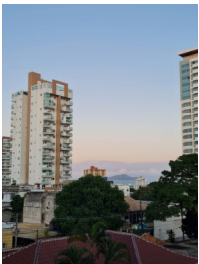
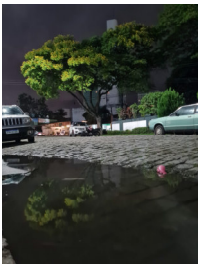












VERNÁCULAS INCAPTURABLES

Tomas Guzmán Sánchez
Comunista, Campus Comum.
Bogotá, Colômbia.

Había en mí la impresión de que el cotidiano apareja cierto reflejo del infierno. Un tiempo que varía en su mismidad, levantando su mirada en un recorrido suspendido a expensas de lo rutinario. Burocracia de la calle. Demiurgo que organiza las penitencias en las almas de los oficinistas, vendedores ambulantes, vigilantes y fachadas. Mercancías con las piernas de cemento que merodean los ventanales de la ciudad.

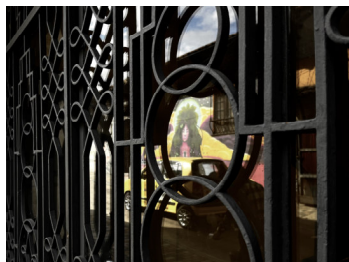
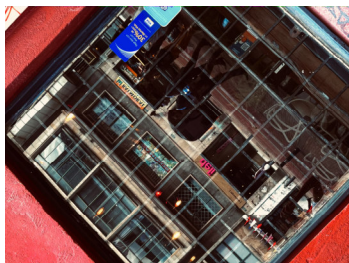
Deambular sus gestos prisioneros, enrejados e insoportablemente luminosos. Desviarnos por donde las sutiles siluetas buscan escapar al fetichismo de la realidad. Espiar por sus rendijas y decadencia

su completa distorsión. Experimentar en la dulzura del hartazgo sus tiempos saturados, hasta encontrar en su ruptura el no reflejo. Invocar lo que ya nunca será igual, aunque parezca repetirse.

Perderme, así, junto a ella. Estar fuera del espejo. Desencontrarnos con nuestros contornos. Extraviarnos sin retorno en un común fuera de lo común como parias en el infierno. Vernáculos incapturables.

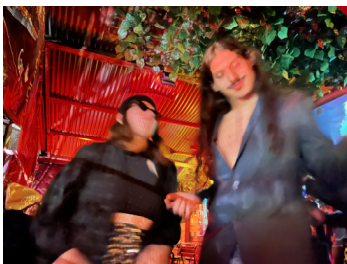
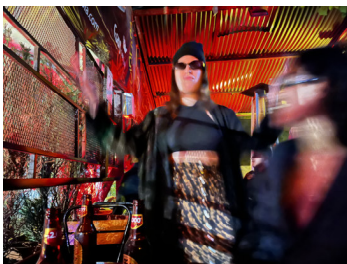












SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Valladão

Arquiteta urbanista, mestra em Arquitetura e Urbanismo. Especialista em Artes Visuais, Cultura e Criação e em Fotografia. Começou a trabalhar com fotografia em 2010. Pesquisa sobre o uso da fotografia como ferramenta crítica para questões urbanas e sociais, atuando em projetos, mostras e oficinas. Produz desenhos em séries temáticas ao lado dos processos de estudo, pesquisa e reflexão. Desde 2021 participa do Campus Comum. Publicou o livro digital “Antipostais – fotografia pinhole do Centro Histórico de Salvador” (2023).

SOBRE OS ARTISTAS CONVIDADOS

Tony Lopes

Letrista, baterista, escritor e sonhador. Publicou os livros “Blasfêmias e Orações”, “Memórias de Elefante” e “Estranho Amor”. Membro das bandas: Cidade de Ateus, Guerra Fria, Os Reids e de outros projetos musicais. Nascido em Gandu, Bahia, Brasil.

@reverendo_t

Juana Toro

De Medellín, Colombia.

Artista Visual y Diseñadora Gráfica.

@crack_fox77

Silvana Costa

Nordestina de Salvador, Bahia, Brasil. Licenciada em Letras. Participa do coletivo Minas que Fortalecem, é vocalista da banda Jato Invisível e baixista da Detrito Humano Punk/HC.

@silvanacosta.trad

Arturo García Hincapié

Profesional en filosofía, ciencias sociales y humanas. El Arte, la música, la literatura y el cine son mis grandes pasiones. Mis habilidades: mapear, desarrollar y gestionar proyectos sobre desarrollo comunitario o social. De Medellín, Colombia.

@arturonowave

Clique na imagem com o selo da plataforma de sua preferência, para ter acesso a *Playlist*:

Músicas do Cotidiano.



Playlist no Spotfy



Playlist No Deeser

